

Polêmicas discursivas e réplicas dialógicas: refrações reveladoras de posicionamentos discursivos

(Discursive polemics and dialogic replies:
reflection revealing discursive positioning)

Simone Ribeiro de Avila Veloso¹

¹Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo (USP)

simoneveloso@usp.br

Abstract: This article aims to present results of a research which has as focus the investigation on the dialogical relations characterized by discursive polemics. The polemics could be seen and the data could be collected by watching the chat show *Roda Viva* which interviews scientists and exhibits comments from the audience, sometimes deflecting the interviewee's discourse. From the Bakhtinian perspective, we will consider the chat show aired on 14th December 1987, which had the political scientist Herbert de Souza as a guest. The results indicate the formation of an open controversy due to the indirect speech and the use and naming of concessive connective, whereas the veiled controversy is composed of two contrastive voices of a single scientific subject of analysis.

Keywords: discursive polemics; dialogic communication; scientific vulgarization.

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar resultados de pesquisa cujo foco de investigação concentra-se nas relações dialógicas caracterizadas por polêmicas discursivas instauradas no programa *Roda Viva*, com entrevistados cientistas, bem como réplicas dialógicas dos telespectadores, ora refletindo, ora refratando o discurso do entrevistado. Sob a perspectiva bakhtiniana, consideraremos o programa veiculado dia 14 de dezembro de 1987, com o cientista político Herbert de Souza. Os resultados apontam a constituição da polêmica aberta por meio do discurso citado indireto, nomeação e uso de conectivos de valor concessivo, ao passo que a polêmica velada se compõe por uma bivocalidade contrastiva de um único tema objeto de análise científica.

Palavras-chave: polêmicas discursivas; réplicas dialógicas; divulgação científica.

Considerações iniciais

Este trabalho é parte integrante de um projeto de pesquisa cujo objetivo mais amplo é observar como se constituem as relações dialógicas polêmicas entre o discurso da ciência, representado pela fala de cientistas, e outros discursos que circulam na esfera jornalística, mais precisamente por meio do programa *Roda Viva*, considerando o contexto sociopolítico e econômico brasileiro dos anos 1980, 1990 e 2000.

De modo mais específico, focalizaremos, na edição realizada no dia 14 de dezembro de 1987, com o cientista político Herbert de Souza, três categorias discursivas, delineadas a partir da tipologia discursiva defendida por Bakhtin (1997 [1963]): polêmica aberta contra discursos oficiais, polêmica velada empreendida por meio da contraposição de resultados de pesquisas socioeconômicas e réplicas dialógicas dos telespectadores.

O presente artigo encontra-se dividido em quatro partes: na primeira, observaremos o horizonte social constitutivo do processo de interação verbal entre os interlocutores – mediador, entrevistadores, entrevistado e telespectadores; na segunda, consideraremos

aspectos da situação imediata de comunicação; as análises das polêmicas aberta e velada constituir-se-ão foco temático da terceira parte; e, por último, tomaremos como objeto de análise as réplicas dialógicas dos telespectadores.

TV Cultura: vozes que refletem e refratam o poder instituído

Compreendemos a edição do programa *Roda Viva*, produzido pela TV Cultura, veiculado dia 14 de dezembro de 1987, como um *enunciado*, ou seja, *produto da interação de indivíduos socialmente organizados* (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 2004 [1929], p. 112). Tal perspectiva teórica mobiliza uma abordagem investigativa que considere o contexto sociopolítico e econômico determinante dos contornos ideológicos da palavra lançada entre locutor e ouvinte.

Nesse sentido, convém assinalarmos, inicialmente, que a TV Cultura (doravante TV-2) surge por iniciativa do então governador de São Paulo, Roberto de Abreu Sodré, que atribui a administração da emissora à Fundação Padre Anchieta. Ou seja, apesar de não se encontrar em uma situação de dependência em relação ao capitalismo de oligopólio, por meio de investimentos propagandísticos oriundos das grandes empresas multinacionais, o novo canal 2 encontraria nas subvenções governamentais o respaldo financeiro de que necessitava para viabilizar seu projeto inicial de colaborar com a montagem de uma estrutura de educação à distância (LIMA, 2008) consonante o ideal de integração nacional do regime militar.

Ao efetivar uma análise da programação da TV-2 desde suas origens até julho de 1986, Leal Filho (1988) identifica quatro propostas básicas caracterizadas por tonalidades ideológicas que refletem ou refratam os discursos das lideranças políticas vigentes: a primeira delas, denominada *elitista*, alinhava-se à elite ilustrada paulista; uma segunda proposta, chamada *popular*, configurava-se como uma *força de resistência*, evidenciada por um jornalismo inovador, representado por programas como *Hora da Notícia*, que, em plena ditadura, ousou interpretar os fatos noticiados; a *proposta populista*, cuja fonte inspiradora seria a programação de auditório, pensado como estratégia que camuflava o autoritarismo embutido na programação; e, por fim, a fase marcada por uma programação denominada *conciliatória*, entre a elitista e a populista.

O término do período ditatorial, em 1985, viabilizou mais do que a ascensão de um governo civil; proporcionou o afloramento mais consistente da proposta denominada por Leal Filho (1988) de *popular*, que congregava em si forças ideológicas contrárias ao elitismo autoritário. Dessa forma, o *Roda Viva* surge, em setembro de 1986, a partir de outro projeto chamado *Vox Populi*, de 1977. Tratava-se de um programa de entrevistas, cujos entrevistados, personalidades oriundas principalmente do mundo cultural e político, respondiam a perguntas elaboradas pelo povo nas ruas.

Consideraremos, em seguida, aspectos relacionados à *situação imediata de comunicação*, bem como elementos do horizonte social amplo, constitutivos do enunciado, no que tange à seleção dos interlocutores e seus respectivos papéis sociais, bem como em relação aos temas levantados durante a referida edição do *Roda Viva*.

A situação imediata reveladora de polêmicas discursivas

Para analisarmos o programa realizado com o cientista político Herbert de Souza adotaremos duas perspectivas confluentes oriundas de pensadores do mesmo Círculo de Bakhtin, porém, com certas especificidades. A primeira, compreendida como *sociológica*, é defendida por Bakhtin/Volóchinov (2004 [1929]) e considera o processo de interação verbal a partir de dois contextos: o *horizonte social amplo* ao qual e no qual se circunscreve o enunciado e o *contexto imediato* que, condicionado por tal horizonte, explicita papéis sociais dos interlocutores, bem como dados pertinentes ao tempo e espaço de realização do referido processo. A segunda perspectiva, chamada *dialógica*, toma como objeto de estudo a tomada do discurso alheio como fonte de revestimento axiológico (BAKHTIN, 1997 [1963]). Nesta seção, empreenderemos nossas análises a partir do primeiro viés teórico e, na seção subsequente, consideraremos as polêmicas discursivas, como expressões valorativas do locutor, ora em relação ao discurso do outro (polêmica aberta), ora em relação ao conteúdo semântico objetual (polêmica velada). É preciso ressaltar, entretanto, que as duas perspectivas serão mobilizadas nas análises.

Elementos extra-verbais constitutivos da situação imediata de comunicação

Partindo da análise de textos literários e de situações de comunicação que ocorrem no âmbito do cotidiano, Volóchinov (1981 [1926]) explicita o quão determinantes são os elementos extraverbais na constituição de sentido de todo enunciado verbal. Para tanto, organiza-os em três aspectos: 1) *horizonte espacial comum aos locutores* (unidade do lugar visível); 2) *conhecimento e compreensão da situação igualmente comum aos interactantes* e 3) *avaliação*, processo que euforiza ou disforiza determinados valores inerentes aos saberes disseminados.

Tendo em vista o primeiro aspecto acima relacionado, constatamos que a disposição dos interlocutores no programa em forma de arena mostra-se altamente significativa do ponto de vista da construção composicional do enunciado, uma vez que tal formato pressupõe a presença de vozes de referência, representantes das mais variadas esferas instituídas. O fio gerador de sentido que promove o saber partilhado encontra-se na seleção prévia do entrevistado, então portador do vírus HIV: cientista político que já em 1962 havia se engajado na luta pelas chamadas “Reformas de Base” propostas por João Goulart e que posteriormente, em 1981, fundou o IBASE (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas) com o propósito de democratizar as informações sobre a realidade socioeconômica do Brasil.

Consideremos, inicialmente, os papéis sociais dos interlocutores presentes no horizonte espacial uma vez que tanto o conhecimento partilhado quanto as tonalidades axiológicas inerentes a tal conhecimento se constroem a partir da atuação de cada interactante em determinada esfera de atividade humana, bem como subesfera institucional:

Antonio Carlos Ferreira, mediador, jornalista da TV-2

Demócrito Moura, repórter do Jornal da Tarde.

Umberto Pereira, editor do Globo Rural.

Maria Vitória Benevides, socióloga, professora da USP.

Inês Knaut, repórter da Folha de S. Paulo.

Ricardo Kotcho, repórter do Jornal do Brasil.

Vitalina Dias da Silva, pres. do Centro dos Hemofílicos de São Paulo.

Maria Carneiro da Cunha, escritora e jornalista.

Caio Rosenthal, médico infectologista do Hospital Emílio Ribas.

Herbert de Souza, cientista político.

Constatamos que a seleção dos entrevistados passa pelo imbricamento de quatro esferas: 1) a jornalística, representada por uma subesfera de referência, marcada pela presença de instituições como *Jornal da Tarde*, *Globo Rural*, *Folha de S. Paulo* e *Jornal do Brasil*; 2) a acadêmica, sob o olhar de uma socióloga, professora da Universidade de São Paulo; 3) a estatal, que mobiliza a visão de um importante centro de referência ao combate de doenças infecciosas, mais precisamente, o Hospital Emílio Ribas, e 4) esfera superior da ideologia do cotidiano,¹ evidenciada pela atuação da representante do Centro dos Hemofílicos de São Paulo. Considerando o *horizonte social amplo* da segunda metade da década de 80, compreendemos que a escolha dos entrevistadores se pauta em função de um contexto marcado pela transição democrática. Ou seja, dissipado os ecos explícitos da ditadura militar, o que restou, nesse momento, foi o recrudescimento das desigualdades sociais e a deterioração dos serviços públicos, especialmente de saúde pública.

Dessa forma, se considerarmos o imbricamento delineado entre o horizonte espacial, caracterizado pela disposição dos interlocutores (mediador e entrevistadores) em uma bancada organizada em forma de circunferência, e a representatividade social dos interactantes, constataremos que a interação face a face ocorre em uma aparente relação de igualdade entre os entrevistadores, uma vez que se configuram vozes de referência em suas respectivas esferas de atuação. Entendemos que a prévia seleção desses atores (entrevistadores) pressupõe o conhecimento comum da situação (aspecto 2), bem como posições axiológicas acerca de tal situação (aspecto 3), que refletem e/ou refratam valores oriundos tanto do campo de atividade quanto da instituição representada.

Abaixo, verificamos que, além da primeira bancada, há uma segunda em que se encontra uma plateia constituída por membros do GAPA (Grupo de Apoio e Prevenção à Aids) e do Centro dos Hemofílicos de São Paulo, dentre outros:

¹ Bakhtin/Volóchinov (2004 [1929], p. 118) denomina “ideologia do cotidiano” a atividade mental centrada na vida cotidiana, distinguindo-a dos sistemas ideológicos instituídos. Tal ideologia é considerada em níveis determinados pelo contato que mantém com tais sistemas: quanto mais próximos, mais organizados e sensíveis às ideologias constituídas. O distanciamento dessas lhes configuraria um caráter desordenado.



Imagem 1: Panorâmica do estúdio aos 2' 04''

Polêmicas aberta e velada: refrações discursivas

Se, ao considerarmos a perspectiva sociológica, identificamos interlocutores oriundos de quatro diferentes campos de atividade humana, em situação de interação verbal, o viés dialógico nos permite compreender, a partir do contexto amplo e imediato, o estabelecimento do *diálogo entre discursos*. Por essa perspectiva, analisaremos a polêmica aberta instaurada entre o discurso do cientista político e o discurso do *outro* (entendendo esse *outro* não apenas como o interlocutor imediato, mas também, e, principalmente, um *supradestinatório*²), mais precisamente os discursos oficiais que aparentemente defendiam a constituição de um poder público comprometido com as demandas sociais. Primeiramente, focalizaremos a polêmica aberta e, em seguida, a velada.

Polêmica aberta contra discursos oficiais sobre saúde pública

Com o propósito de analisarmos a primeira categoria discursiva denominada *polêmica aberta contra discursos oficiais sobre saúde pública*, serão mobilizadas três categorias linguísticas: *adjetivação/nomeação*, *o discurso citado indireto* e o uso de *conectivo de valor concessivo ou adversativo*; bem como uma categoria extra-verbal: a *entonação*.³ Bakhtin (1997 [1963]) define *polêmica aberta* como *a tomada da fala do outro como objeto de refutação*. Nosso trabalho visa a estabelecer categorias discursivas que delimitem a presença desse tipo de polêmica. Dessa forma, com o propósito de efetivarmos nossa análise, ressaltamos que a transcrição abaixo corresponde aos primeiros minutos que sucedem a parte introdutória do programa,⁴ cujo teor temático funda-se na apresentação da referida

² Para Bakhtin (2006 [1959-61], p. 333) o *supradestinatório* configura-se em um *outro* cuja compreensão responsiva reveste-se de diferentes expressões ideológicas concretas: Deus, a verdade, o povo, etc.

³ Para Volóchinov (1981[1930]) a entonação é a expressão fônica da avaliação social. Cada entonação exige a palavra que lhe corresponde, que convém. O que determina a entonação é a orientação social do enunciado. A entonação enfática encontra-se representada por letras em caixa alta.

⁴ A transcrição dessa edição veiculada dia 14 de dezembro de 1987 encontra-se disponível no portal <http://www.rodaviva.fapesp.br>

edição, bem como dos convidados, apresentando informações acerca das estratégias de contato que o telespectador pode adotar para empreender sua participação. A resposta do entrevistado visa a responder à seguinte questão levantada pelo mediador: “Betinho...⁵ eu sei que as estatísticas da contaminação de hemofílicos pela AIDS são terríveis... você poderia... poderia nos dar um balanço desse quadro?”:

- (1) **Herbert de Souza:** Eu posso lhe falar mais especificamente do quadro do Rio de Janeiro... temo que o quadro não seja TÃO diferente no resto do Brasil... no Rio de Janeiro... existem mil cento e cinquenta hemofílicos cadastrados... destes... seTENta por cento estão contaminados pela Aids...

Antônio Carlos Ferreira (mediador): E como foi que aconteceu esse **deSAStre**?

Herbert de Souza: **Esse desastre** tem muitas origens e muitas causas... **a primeira causa é a ausência quase absoluta... quase poderíamos dizer absoluta do controle da qualidade de sangue na história nossa do Brasil...** o sangue que é uma coisa tão vital... tão importante... é comercializado... **ele é tratado como mercadoria de uma forma absolutamente criminosa...** e hoje a Aids veio só dramatizar isso porque na verdade através do sangue você pode ser contaminado por várias coisas GRAves... às vezes até tão GRAves quanto a Aids... quanto a hepatite B... a doença de Chagas... não é... e VÁrias outras doenças... mas a Aids veio tornar a coisa absolutamente draMÁTica... não é... porque o sangue... é através do sangue que:: a:: a::⁶ Aids se transmite... basicamente é através do sêmen contaminado... que também tem que entrar na corrente sanguínea e do sangue contaminado e dos fatores derivados do sangue... bom... é:: **apesar do discurso oficial falar que existe controle do sangue no Brasil... não menos que setenta por cento dos bancos de sangue no Brasil NÃO fazem controle... teste para essas enfermidades...** além do mais... mesmo algumas que fazem... estão fazendo e a gente tem notícia disso... através de um sistema de PULL... isto é... pega dez transfusões e testa e faz um teste das dez... não é... ou em dez testa uma ((sinaliza com as mãos a singularidade do teste)) quer dizer... que é uma coisa absolutamente também sem rigor não é... sem precisão... resultado...no Rio de Janeiro... seTENta por cento dos hemofílicos estão contaminados... mais de quarenta já morreram... só no último mês morreram eh:: TRÊS hemofílicos em situações dramáticas de asfixia... por asfixia SEM assistência hospitalar **porque lhes foi negado assistência hospitalar por um hospital dirigido por uma freira... da ordem de de São Vicente... irmãs...**⁷ **o ordem chama Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo** dos três um menino de DEZ anos... um jovem de dezesseis anos e um adulto com trinta e cinco anos morreram com insuficiência respiratória aguda...

Ricardo Kotcho: Betinho... o que você nos contou até agora **é um caso típico de crime de omissão... crime de responsabilidade... eu queria que você dissesse... sempre que tem um crime tem um autor... um responsável...quem são os criminosos nesta história?**

Herbert de Souza: Olha... ((ri)) vai ser uma longa... e tenebrosa busca... no caso específico desses três casos nós entramos na.../com um.../ na décima oitava delegacia com pedido de inquérito policial por omissão de socorro e nós estamos acusando o hospital São Vicente de Paulo por omissão de socorro tendo como consequência a morte...

Ricardo Kotcho: **Isso já no final da linha... e no começo da linha?**

Herbert de Souza: No começo da linha eu acho que:: no caso do SANGue... existe **TOda uma questão relacionada à saúde pública neste país... não é?... a minha... a minha visão é a seguinte... nos últimos vinte e tantos anos... ao longo de nossa história mas particularmente nos vinte e tantos anos houve um processo de deterioro quase que TOTAL do sistema de saúde pública...** os hospitais públicos que no passado eram símbolo de excelência... hoje se transformaram em símbolo de decadência... com honROSas exceções... por exemplo... eu... quando era criança eu era tratado no Servidor... no Hospital do Servidor Público do Rio... e lá nós tínhamos os melhores hematologistas... melhor sangue... melhor tratamento... MESMO quando nos internávamos com dez quinze pacientes... mas o tratamento médico era o melhor... eu quando estava clandestino aqui em São Paulo... eu fui SALVO em mil novecentos e sessenta e sete com uma cirurgia... uma hemorragia

⁵ O sinal de... representa qualquer pausa.

⁶ O sinal de :: representa o prolongamento de vogal ou consoante como *r* e *s*.

⁷ O sinal de / sinaliza um truncamento no ato de fala.

de estômago no Hospital das Clínicas... e recebi no Hospital das Clínicas de São Paulo o melhor tratamento possível... sendo um indigente... porque eu tava clandestino... me internaram como indigente... e: ((ri)) e assim eu me salvei... mas... ao longo desse tempo... né... a medicina não foi só privatizada como comercializada... como deteriorada... as universidades perderam a qualidade de ensino não é... e aquilo que deveria ser um patrimônio de todos acabou se transformando no privilégio de uns poucos... quer dizer... hoje se você tem que internar um Filho seu... se você quer o melhor... o que que você faz?... você busca a MELHOR clínica particular e interna o seu filho... antigamente você podia pegar o seu filho e levar para um hospital PÚBLICO... **e o mais incrível é que essas clínicas particulares dos hospitais particulares... inclusive essa de São Vicente são mantidos... em grande medida... com dinheiro público... ESSA é que é a grande questão...** por exemplo essa clínica São Vicente foi construída com dinheiro da Caixa Econômica Federal com dinheiro do fundo da Caixa Econômica Federal... que é dinheiro nosso... não é verdade...

Contatamos que o mediador denomina “desastre” a informação apresentada pelo entrevistado de que 70% dos hemofílicos do Rio de Janeiro estão contaminados pela AIDS. A entonação enfática revela *indignação* diante do fato apresentado. O mesmo termo é utilizado pelo entrevistado, o que revela um compartilhamento de valores quanto ao termo levantado. O verbete “desastre”⁸ é definido como evento, acontecimento que causa sofrimento e grande prejuízo (físico, moral, material, emocional); desgraça, infortúnio. Subjazem a tal denominação aspectos contextuais como: ausência de políticas públicas de saúde que evitassem a propagação da doença e, portanto, configura-se uma contraposição ao discurso oficial quanto à suposta eficiência das mesmas.

Na posterior fala do entrevistado há a mobilização do discurso citado indireto em: “[...] *apesar do discurso oficial falar que existe controle do sangue no Brasil... não menos que setenta por cento dos bancos de sangue no Brasil NÃO fazem controle... teste para essas enfermidades...*”. No plano linguístico, a polêmica aberta torna-se evidente pela utilização do conectivo de valor concessivo “apesar de”, o que revela um embate entre o que o discurso oficial defende (a existência do controle de sangue no país) e o discurso do cientista social.

A subsequente pergunta de Ricardo Kotcho igualmente faz uso do recurso da nomeação, selecionando ainda um termo mais contundente: “criminosos” para os autores do que o então repórter do Jornal do Brasil denominava “crime de omissão”, crime de responsabilidade. Kotcho parte do subentendido⁹ de que há diferentes níveis de responsabilidade: “... e no começo da linha?...”. O subentendido presente no enunciado refere-se ao papel do estado como o responsável pela saúde pública no país.

Os fatos apresentados na última fala do entrevistado destacam o processo de “deterioro” do sistema de saúde pública no Brasil, uma vez que evidencia a ausência de um Estado capaz de gerenciar as necessidades sociais da população. No trecho: “... particularmente nos vinte e tantos anos houve um processo de deterioro quase TOTAL do sistema de saúde pública...” constatamos que a entonação expressiva na palavra “total”, implica uma abrangência que dimensiona o nível de descaso do poder instituído em relação a essa esfera de atendimento público. Destacamos, em seguida, uma análise da polêmica velada.

⁸ Disponível em <http://houaiss.uol.com.br>. Acesso em: 22 mai. 2010.

⁹ Volóchinov (1981[1926]) observa que todo enunciado cotidiano considerado como um todo portador de sentido se decompõe em duas partes: 1) parte verbal atualizada e 2) parte subentendida. A avaliação determina a escolha das palavras e a forma da totalidade verbal através da entonação que estabelece uma estreita relação entre o discurso e o contexto extra-verbal.

Polêmica velada: a contraposição de vozes por meio do conteúdo semântico objetal

Bakhtin (1997 [1963]) compreende *polêmica velada* como o embate de vozes que ocorre por meio do objeto referencial (conteúdo semântico objetal). Entendemos que a instauração da polêmica velada pressupõe a existência de uma bivocalidade que evidencia pontos de vista incongruentes e, conseqüentemente, visões de mundo diversas. Em outras palavras, um mesmo referencial semântico pode suscitar diferentes posicionamentos axiológicos a depender do lugar social de onde fala o locutor. No fragmento abaixo, constatamos inicialmente que, a despeito do entrevistador (Ricardo Kotcho) efetivar uma tomada explícita do discurso oficial como objeto de refutação (por meio da inserção do *slogan* do então governo José Sarney), a resposta do cientista social polemiza veladamente com o discurso oficial disseminado no próprio *slogan*. Esse teor polêmico se concretiza uma vez que o mesmo referencial – *desemprego no Brasil* – é investigado por diferentes critérios científicos:

- (2) **Ricardo Kotcho:** [...]O que você sente quando você vê na televisão aqueles anúncios do governo anunciando... governo José Sarney... **tudo pelo social**... quais são os últimos medidores econômicos... sociais do Ibase que você trabalha... você dirige... **em alguma época da nossa história o povo brasileiro foi tão miserável?**

Herbert de Souza: Olha... **eu acabei de ver exatamente NEsses dias dois estudos feitos... de um estatístico e outro de um economista... um deles chama Marco Antônio de Souza Aguiar... e ele faz um estudo da evolução da massa salarial brasileira... o estudo mostra... que NUNCA essa massa esteve tão baixa...** houve uma perda... do plano cruzado pra cá... de cerca de TRINTA por cento da massa salarial... e isso há que se reconhecer... quer dizer... a evolução da massa salarial no plano cruzado foi ascendente e por isso que ele foi tão bombardeado... desarticulado e acabou sendo destruída porque a massa salarial crescia... acaba o plano cruzado começa a abaixar... a:: a:: o poDER né... aquisitivo... não só o poder aquisitivo por causa do processo inflacionário mas também... a composição do salário na produção... começa a diminuir... que dizer... eu tenho a impressão... que:: **os nossos indicadores sociais... eles são muito pobres... por exemplo... o IBGE nos dá uma taxa de desemprego...é:: MENOR que dos Estados Unidos... porque o IBGE não mede desemprego... nem emprego... ele mede atividade... então se você ta fazendo alguma coisa... se você ta se MEXENDO né... pro IBGE você ta empregado... então nós temos essa situação incrível não é de ter.../ uma vez por exemplo nós fizemos uma pesquisa base na Baixada... em Nova Iguaçu... e chegamos a uma taxa de DESEmprego de vinte e oito por cento... porque nós medimos emprego e desemprego e não atividade... então você tem hoje uma situação éh:: social... totalmente... desarticulada... destruída ao longo desses anos e... nesse contexto o discurso do governo de que “tudo pelo social” passa como uma espécie de piada de mau gosto... realmente uma piada de mau gosto...**

Circulando na esfera propagandística,¹⁰ o *slogan Tudo pelo social* adquire valores ideológicos que buscam caracterizar o governo como entidade oficial que prioriza ações sociais direcionadas às necessidades básicas da população como saúde, emprego, educação, etc. A contraposição a tais valores ideológicos representados pelo *slogan* ocorre no momento em que o jornalista solicita ao entrevistado dados econômicos e sociais do Ibase (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas), órgão de pesquisa em que o entrevistado exercia função de secretário-executivo. Kotcho finaliza a pergunta: “... em alguma época da nossa história o povo brasileiro foi tão miserável?...”. A própria

¹⁰ O termo *propaganda* é oriundo do latim, mais precisamente a forma gerúndio de *propagare* e etimologicamente significa multiplicar, reproduzindo por geração. Dessa forma, guarda em si o significado de “semear ideias ou ideais de cunho político, cívico ou religioso”.

pergunta já problematiza o referido enunciado (*slogan*), polemizando abertamente com o discurso oficial no que diz respeito à garantia de direitos sociais como um todo.

Após priorizar sintaticamente *o caráter de atualidade* em seu discurso de tonalidade polêmica (“[...] *eu acabei de ver exatamente nesses dias [...]*”), o entrevistado insere em sua fala *o resultado dos estudos de dois pesquisadores*: um “estatístico” e outro de um “economista”, fato que confere legitimidade às suas proposições, uma vez que oriundos do campo científico. A menção do nome de um dos cientistas possibilita a *referenciação bibliográfica*, bem como a determinação da fonte da pesquisa, o que permite a acentuação da credibilidade em relação às asserções que o entrevistado fará na sequência. E é tendo em vista essa referenciação, isto é, *atribuindo autoria* aos dados que Betinho insere os resultados pertinentes à pesquisa do economista. Resultados que estabelecem uma relação dialógica com a pergunta de Kotcho, uma vez que visam a responder a questão: “[...] *em alguma época da nossa história o povo brasileiro foi tão miserável?*”. Questão elaborada a partir do pressuposto: “o povo brasileiro é miserável”, ou seja, o que o jornalista problematiza não é o estado de miserabilidade dos brasileiros – tido como fato – *mas sim suscita um levantamento comparativo dessa miserabilidade numa escala temporal*, evidente na utilização do adjunto adverbial de tempo: “*em alguma época da nossa história*”. Pergunta que convoca a presença do intelectual, cientista social Herbert de Souza, uma vez que pressupõe a resposta de um especialista.

O entrevistado então desmistifica dados oficiais ao contrapô-los àqueles fruto de suas próprias pesquisas no Ibase: no momento em que apresenta índices do IBGE (órgão do governo Sarney) relacionados ao desemprego no Brasil, destacando ser “[...] *MENOR que dos Estados Unidos [...]*”, *problematiza os critérios científicos* das pesquisas levadas a cabo pelo instituto governamental (referência para elaboração de políticas públicas), cujo objetivo mais latente seria “maquiar” uma realidade social, ao evidenciar números satisfatórios relacionados, por exemplo, à situação de desemprego no país, justificando, dessa forma, o *slogan* do governo. Como cientista político, portanto, Herbert de Souza destaca a diferença entre *emprego* e *atividade* e, em função da disparidade nos dados apresentados, nomeia o *slogan* de “*piada de mau gosto*”.

Na seção subsequente, analisaremos dados pertinentes às réplicas dialógicas dos telespectadores.

Réplicas dialógicas dos telespectadores

Convém, inicialmente, ressaltarmos dados pertinentes ao perfil do público-alvo, inferidos a partir de aspectos composicionais constitutivos do programa. Primeiramente, o fato de ser transmitido por uma TV pública delinea majoritariamente um tipo de telespectador que vislumbra uma *alternativa à programação disponível nas TVs comerciais*. O horário de transmissão também é significativo – por volta das 22h00 – visando a um público que tem como *preferência o horário noturno*. O tempo de duração do programa – cerca de duas horas – contribui para a formulação de um virtual telespectador *que busca aprofundamento na análise de questões relacionadas à atualidade*, temas recorrentes a um programa de entrevista realizado na esfera jornalística.

No que se refere ao programa *Roda Viva*, a expectativa também se define em função da composição do enunciado: a presença de um convidado no centro de uma bancada

formada por vários entrevistadores sugere a análise dos referidos temas sob várias perspectivas de entrevistadores representativos quer seja da mídia de referência, quer seja de demais instituições de outras esferas instituídas. A escolha do entrevistado igualmente se configura determinante na definição do público-alvo desta edição, por ser oriunda de segmentos sociais de esquerda no país, em um contexto marcado por hiperinflação, crescimento do contágio da Aids e expectativa de elaboração de uma nova constituição.

Entenderemos as participações dos telespectadores como *réplicas dialógicas*,¹¹ pois elas refletem ou refratam os discursos que circulam no programa, influenciando na condução temática desenvolvida nos pares de perguntas e respostas. Embora filtradas pelo mediador, identificamos dois posicionamentos ideológicos distintos. O primeiro alinhado ao discurso do entrevistado, no que diz respeito à polêmica aberta e/ou velada em relação ao discurso oficial, o segundo, não evidenciado explicitamente pelo mediador, caracteriza-se por marcas de conservadorismo.

Observamos que tais réplicas apresentam-se delineadas linguisticamente pela presença do discurso citado indireto: o mediador executa a inserção das vozes dos telespectadores. Há, contudo, um diferencial no tocante à autoria: se as réplicas alinhadas ideologicamente ao discurso do entrevistado constituem-se pela identificação do nome, sobrenome e local de origem de cada telespectador, as réplicas conservadoras apresentam-se, primeiramente com a denominação genérica de “telespectadores que não concordam”, para apenas posteriormente sinalizar uma participação representativa desse segmento de interlocutores que assistem ao programa. Analisemos, primeiramente, as participações que, a nosso ver, refletem os posicionamentos discursivos do entrevistado, bem como valores que circulam na esfera da ideologia do cotidiano:

- (3) **Maria Carneiro da Cunha:** Escuta... houve toda uma tentativa de fazer com que a Aids se tornasse um estigma tal de culpabilizar as pessoas que estavam doentes né... então se falava em câncer gay... grupos que já são discriminados habitualmente e:: eu gostaria de saber a quem que você atribui isso... e eu gostaria de saber se você acha que existe discriminação contra o aidsético... e por quê?

Herbert de Souza Olha...

Antônio Carlos Ferreira (mediador): Antes disso... tem algumas perguntas de telespectadores que vão ajudar a esclarecer porque eu já disse no começo como você contraiu a Aids mas alguns telespectadores não pegaram isso... então e vou ler algumas perguntas aqui e depois você responde a pergunta da Carneiro da Cunha... ((câmera em *close* no alto do apresentador, focalizando as anotações)) o José Paulo Ferreira do Sumarezinho ele faz uma pergunta de identificação mesmo... ele pergunta se você é realmente o irmão do Henfil... que está na música da Elis O bêbado e o equilibrista... realmente É o irmão do Henfil... que está na música ((risos)) a segunda pergunta do Fábio Conceição Araújo da Ponte Rasa da capital ele pergunta... de que forma você contraiu a Aids... portanto não ficou claro como se contraiu a Aids em um hemofílico e depois a pergunta de Marcelo Gomes de Tremembé que quer saber... qual foi o sintoma que te levou a desconfiar que estava com Aids... em seguida a gente entra no tema da discriminação... (fragmento 3)

Consideremos o conteúdo temático das perguntas dos telespectadores, a partir do contexto apresentado:

¹¹ Bakhtin (1997 [1963], p. 169) compreende a *réplica dialógica* como um tipo de discurso em que a palavra do outro não se reproduz sem nova interpretação. As palavras na réplica reagem à palavra do outro, correspondendo-lhe e antecipando-a. Absorve as réplicas do outro, reelaborando-as intensamente.

Quadro 1: Temas que circulam na esfera da ideologia do cotidiano

Perguntas	Conteúdo temático
01	Revela curiosidade relacionada ao fato de o entrevistado ser irmão do Henfil.
02	Forma de contágio da Aids.
03	Sintomas da Aids.

Os conteúdos temáticos das três perguntas efetivadas no trecho acima explicitam valores e preocupações que circulam na esfera da ideologia do cotidiano: a primeira evidencia certa importância atribuída à imagem de personalidades famosas do mundo televisivo, a segunda e a terceira apresentam preocupações quanto a formas de contágio e sintomas da Aids. O trecho abaixo revela consonância ao posicionamento ideológico polêmico do entrevistado, evidenciando a possibilidade de mobilização de meios legais com vistas à garantia de direitos civis, como a aquisição de remédios:

- (4) **Antônio Carlos Ferreira (mediador):** Betinho... acabou de chegar uma pergunta aqui do Ivan Moura Garcia do Horto Florestal perguntando se vocês não pensaram em fazer algum tipo de mandado de segurança contra governo para conseguir o AZT... se existe alguma forma jurídica... (fragmento 4)

Já as intervenções dos telespectadores, a seguir, revelam posicionamentos até certo ponto conservadores, por meio da denominação genérica inicial “telespectadores”:

- (5) **Antônio Carlos Ferreira (mediador):** Nós voltamos ao programa *Roda Viva* hoje entrevistando o cientista político Herbert de Souza... na primeira parte do nosso programa... nas perguntas e nas respostas... levaram muito a questão para o aspecto político... e... numa crítica muito severa ao governo... eu recebi alguns telefonemas de telespectadores que não concordam... acham que a questão foi muito politizada... inclusive algumas perguntas dizendo se:: então a Aids seria culpa da direita... coisas desse tipo... eu vou ler apenas uma dessas perguntas... que é a Rosa da Silva da Vila Sônia que começa o seu telefonema dizendo assim... quero me solidarizar com você... mas diz... não se pode generalizar... existem casos de pessoas com excessos de drogas... sexo... promíscuas... até que devem ter feito alguma coisa... tomei conhecimento de casais no Rio Grande do Sul viciados em tóxicos com seringas contaminadas picando os passantes das ruas... ou de um presidiário que conseguiu sair da cadeia porque está com Aids e ameaçou contaminar todo o presídio... a discriminação não veio desses casos também... é a pergunta...

O trecho acima se apresenta emblemático do que denominamos *posicionamento conservador*, refratando a polêmica discursiva que subjaz à fala tanto do entrevistado, quanto a dos entrevistadores. Primeiramente, o mediador ressalta que, na primeira parte do programa, “*as perguntas e respostas levaram muito a questão para o aspecto político, numa crítica muito severa ao governo*”, o que teria provocado a recepção de “*...alguns telefonemas de telespectadores que não concordam...*”. Apesar da pluralidade destacada no pronome indefinido “alguns”, Antonio Carlos Ferreira destaca apenas uma participação representativa dessas vozes, em que a Aids é vista como consequência “natural” de uma vida desregrada, promíscua e que, portanto, o contaminado deveria arcar com as responsabilidades da contaminação.

Finalmente, convém destacarmos o papel do mediador como peça-chave na refração ou reflexão das *réplicas dialógicas* empreendidas pelos telespectadores por meio de suas participações, quer seja por meio de comentários ou perguntas. Se considerarmos que as intervenções de caráter conservador são explicitadas somente após uma hora de programa

e que o tempo conferido às mesmas (intervenções) restringe-se a cerca de três minutos do início da segunda hora de transmissão da edição analisada, concluímos que o referido programa *Roda Viva* refrata tal posicionamento conservador alinhando-se às polêmicas empreendidas pelo entrevistado e entrevistadores.

Considerações finais

Veiculado em um período histórico marcado, por um lado, pela crise inflacionária e, por outro, pela agitação política em prol da formulação de uma nova constituição, o programa *Roda Viva* de 14 de dezembro de 1987 porta elementos composicionais que delimitam o *status* social dos interlocutores no processo de interação verbal: trata-se da presença de vozes compreendidas como *referência* em suas respectivas esferas de atividade humana, fato que configura ao programa o caráter de *fonte* de informações no campo jornalístico.

No que tange à análise das polêmicas aberta e velada, ambas explicitam discursivamente no enunciado em questão a incipiente redemocratização no país. Em outras palavras: o cientista social Herbert de Souza demonstra alinhar-se ideologicamente com segmentos sociais que anseiam pela concretização de direitos sociais até então defendidos artificialmente no discurso propagandístico formulado pelas autoridades instituídas. Se a *polêmica aberta* toma o discurso do *supradestinatório* (discursos oficiais) por meio do discurso citado indireto, nomeação ou contraposição delineada por conectivos de valor concessivo, em uma referenciação clara ao discurso alheio; a *velada* define-se por uma bivocalidade contrastiva, ou seja, um mesmo objeto de investigação suscita dois diferentes posicionamentos avaliativos: enquanto o órgão do governo (IBGE) considerava *o desemprego no Brasil* por meio de critérios que mediam a *atividade*, estudos empreendidos pelo Ibase analisam o mesmo referencial a partir da efetiva condição de emprego do cidadão. Dessa forma, o entrevistado polemiza veladamente com dados oficiais.

No que tange à análise das réplicas dialógicas dos telespectadores é preciso considerar que a seleção das perguntas e comentários, por parte do mediador, sinaliza o que convém explicitar no programa: um posicionamento ideológico consonante com a do entrevistado, uma vez que delimita a participação daqueles portadores de vozes marcadamente conservadoras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoievski*. Tradução de Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. [1963].

_____. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: _____. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 307-336. [1959-1961].

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Iahud; Yara Frateschi Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004. [1929].

LEAL FILHO, L. *Por trás das câmeras: relações entre Cultura, Estado e Televisão*. São Paulo: Summus, 1988.

LIMA, J. C. *Uma história da TV Cultura*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Cultura – Fundação Padre Anchieta, 2008.

VOLOCHINOV, V. N. Le discours dans la vie et le discours dans la poésie: contribution à une poétique sociologique. In : TODOROV, T. *Mikhaïl Bakhtine: le principe dialogique*. Paris: Éditions du Seuil, 1981. p. 181-214. [1926].

_____. La structure de l'énoncé. In: TODOROV, T. *Mikhaïl Bakhtine: le principe dialogique*. Paris: Éditions du Seuil, 1981. p. 287-316. [1930].